

## EDUCAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

SUS, como todas as políticas, é um campo de intensas disputas. Disputas por valores ético-políticos, disputas por modos de fazer política, disputa por conceitos, disputas por recursos financeiros, disputas corporativas. Essas disputas se materializam o tempo todo: na construção dos campos problemáticos, na priorização de problemas, na construção de estratégias, na produção das práticas e das relações, no reconhecimento de certos saberes e vozes e na deslegitimação de outros/outras.

A formação/educação de profissionais de saúde é frequentemente indicada como decisiva para o fortalecimento de valores como a integralidade, o cuidado, o trabalho interprofissional, perspectiva ampliada de saúde, trabalho no território. No entanto, apesar de haver, oscilando no tempo, políticas e programas para favorecer formações em sintonia com apostas estruturantes para o SUS, raramente se reconhece ou se toma como objeto de políticas as intensas disputas que ocorrem também aí no campo da educação dos profissionais de saúde.

Disputas de poder, disputas por conceitos, disputas de mercado. São intensos e múltiplos feixes de força atravessando as instituições de ensino, abrindo e fechando possibilidades e não será simplesmente “por dentro”, desde perspectivas pedagógicas, que essas disputas serão enfrentadas de modo favorável às apostas contra-hegemônicas do SUS.

Levar a vida e outras vozes para dentro das formações abre possibilidades. Ações regulatórias em relação ao mercado de trabalho modificam possibilidades. Enfim, há muito além de “capacitar professores” ou favorecer de modo pontual a abertura de espaços de práticas, que também estão, eles mesmos, atravessados por disputas de valores, conceitos, poderes.

E isso justamente nos diz de que a disputa por valores, perfis profissionais, compromissos, aberturas ao compartilhamento com outras profissões, com movimentos e saberes populares, não se esgota nos espaços formais de educação dos profissionais de saúde, ela segue cotidianamente no SUS, nas práticas de saúde, nos arranjos para o cuidado, na construção das equipes, na produção de redes vivas, na construção compartilhada de projetos terapêuticos.

Podemos, claro, colocar para conversar, cooperar e potencializar-se mutuamente forças e experiências dentro e fora das universidades, na graduação e nas residências, entre as unidades, juntos aos movimentos sociais. E isso faz muita diferença porque internamente aos cursos, sem alianças externas, é muito difícil sustentar e emplacar valores contra-hegemônicos, já que, silenciosa ou ostensivamente, as forças corporativas e de mercado estão ali atuando fortemente na produção de valores e conformação de perfis.

Vamos às experiências e reflexões reunidas neste caderno, esperando que agreguem força a todo este debate e a estas lutas! E seguimos na luta por políticas que favoreçam mudanças efetivas nas formações em saúde!

0000-0001-6237-6167 OrcID

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker**

Universidade de São Paulo

Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública